



MEDARD BOSS, VIDA E OBRA: A BUSCA POR UMA COMPREENSÃO DO SER HUMANO

10.62506/phs.v6i33.265

Medard Boss, life and work: The search for an understanding of the human being

PAULO EDUARDO R. A. EVANGELISTA¹

Medard Boss, vida y obra: La búsqueda de una comprensión de lo humano

Resumo: Na literatura sobre a Daseinsanalyse no Brasil, Medard Boss é apresentado como o médico que recebeu apoio de Heidegger para fundamentar uma abordagem da saúde e da doença humanas. Sua entrada nessa história ocorre após o surgimento da Daseinsanalyse com Ludwig Binswanger, psiquiatra que, posteriormente, seria renegado pelo filósofo, legando a Boss um caminho aberto para desenvolver uma terapia coerente com a filosofia de Heidegger. Comentadores sugerem que Boss pode ter permanecido sob a sombra do filósofo. Nesses comentários, aparece uma carência de aprofundamento na Daseinsanalyse desenvolvida por Medard Boss em sua obra. Este artigo objetiva contribuir para a apresentação de vida e obra de Medard Boss como uma busca por uma compreensão do ser humano. Para isso, o método utilizado é de pesquisa bibliográfica, recorrendo à literatura que apresenta sua vida e sua obra, além de recorrer a escritos do próprio Medard Boss, sobretudo um memorial escrito quando tinha 70 anos, para explicar os fundamentos e o sentido da Daseinsanalyse. Sua obra recebeu influências importantes das obras de Binswanger, Jung, Heidegger e das experiências de Boss em suas viagens para a Índia e Indonésia.

Palavras-chave: Daseinsanalyse; Medard Boss; Fenomenologia; Biografia; Terapia

Abstract: In Brazilian literature on Daseinsanalysis, Medard Boss is presented as the physician who received support from Heidegger to found an approach to human health and disease. His entry into this story occurs after the emergence of Daseinsanalysis with Ludwig Binswanger, a psychiatrist who would later be disowned by the philosopher, bequeathing to Boss an open path to develop a therapy consistent with Heidegger's philosophy. Commentators suggest that Boss may have remained under the shadow of the philosopher. In such comments, there is a lack of depth in the Daseinsanalyse developed by Medard Boss in his work. This article aims to contribute to the presentation of Medard Boss's life and work as a search for an understanding of the human being. To do so, the method used is a bibliographic research, using the literature that presents his life and work, in addition to using writings by Medard Boss himself, especially a memoir written when he was 70 years old, to explain the foundations and meaning of Daseinsanalysis. His work has been heavily influenced by the works of Binswanger, Jung, Heidegger, and Boss' travel experiences to India and Indonesia.

Keywords: Daseinsanalysis; Medard Boss; Phenomenology; Biography; Therapy

Resumen: En la literatura sobre el Daseinsanalyse en Brasil, Medard Boss es presentado como el médico que recibió apoyo de Heidegger para fundar un abordaje de la salud y la enfermedad humanas. Su entrada en esta historia se produce tras la aparición del Daseinsanalyse con Ludwig Binswanger, un psiquiatra que más tarde sería repudiado por el filósofo, legando a Boss un camino abierto para desarrollar una terapia coherente con la filosofía de Heidegger. Los comentaristas sugieren que Boss pudo haber permanecido bajo la sombra del filósofo. En estos comentarios, hay una falta de profundidad en el Daseinsanalyse desarrollado por Medard Boss en su obra. Este artículo pretende contribuir a la presentación de la vida y obra de Medard Boss como una búsqueda de comprensión del ser humano. Para ello, el método utilizado es la investigación bibliográfica, utilizando la literatura que presenta su vida y obra, además de utilizar escritos del propio Medard Boss, especialmente un memorial escrito cuando tenía 70 años, para explicar los fundamentos y el significado del Daseinsanalyse. Su trabajo ha sido fuertemente influenciado por los trabajos de Binswanger, Jung, Heidegger y las experiencias de Boss en sus viajes a la India e Indonesia.

Palabras clave: Daseinsanalyse; Medard Boss; Fenomenología; Biografía; Terapia



Introdução

O psiquiatra suíço Medard Boss é muito frequentemente apresentado como o autor que desenvolveu a Daseinsanalyse com apoio do filósofo Martin Heidegger. Sua obra apresenta a fenomenologia como método de aproximação da existência, definida como abertura receptivo-perceptiva ao que lhe vem ao encontro no mundo (Boss, 1997). Boss e os comentadores de sua obra enfatizam que ele deve à filosofia e à contribuição de Heidegger sua compreensão sobre o humano. Isso é verdadeiro, mas, ao mesmo tempo, encobre a originalidade de sua busca por uma compreensão do ser humano. Respostas parciais ele encontra nas contribuições de Heidegger, mas também - e com igual importância - na filosofia india e na Psicanálise. Um quarto ingrediente fundamental para a composição de sua obra é sua experiência como psicoterapeuta. Sua trajetória é, portanto, mais singular e própria do que as biografias que o apresentam à sombra de Heidegger fazem parecer. A obra que consuma sua biografia, *Fundamentos Existenciais da Medicina e da Psicologia* (Boss, 1994), ressalta a liberdade humana, liberdade essa que possibilitou sua busca desde o início.

Como será discutido a seguir, sua busca é pelo "essencialmente humano no homem" (Boss, 1965, p. 9). Ao longo de sua vida, seu caminho o aproximou cada vez mais de uma crítica da contemporaneidade, questionando a ciência moderna ocidental sob o ponto de vista da metafísica que a fundamenta e da técnica em que se consuma.

O que pretendo neste artigo é apresentar a trajetória de Medard Boss enquanto uma busca por uma compreensão do ser do humano, baseando-me em alguns escritos biográficos. Pretendo ampliar e aprofundar apresentações da Daseinsanalyse de Boss, já publicadas em português (Evangelista, 2013; Dastur & Cabestan, 2015; Holzhey-Kunz, 2018).

O principal texto de referência é um memorial escrito pelo próprio Medard Boss quando tinha 70 anos, publicado em 1973, num livro de autobiografias e traduzido para o inglês em 2019 (Boss, 2019). Além disso, recorro a escritos sobre vida e obra de Boss publicados em português e inglês, livros e artigos do próprio autor.

Escrevo este artigo em razão da obra de Medard Boss ser ainda pouco conhecida no Brasil, apesar de certa notoriedade da Daseinsanalyse nos meios da psicologia fenomenológica. Conforme pesquisa publicada em 2022 (Carvalho & Evangelista, 2022), a maioria dos artigos em periódicos científicos indexados, mesmo quando tematiza a Daseinsanalyse, não se delonga em suas proposições e pouco se vale de suas ideias. Seu nome aparece como um personagem histórico na história da Daseinsanalyse, menos conhecido do que Ludwig Binswanger. E como é apresentado como o organizador dos Seminários de Zollikon - seminários realizados por Heidegger a médicos e psiquiatras na sua casa -, Boss permanece à sombra do filósofo, como se não tivesse uma contribuição ou mesmo uma trajetória pessoal.

Dastur & Cabestan (2015) apresentam-no como refundador da Daseinsanalyse, inicialmente formulada por Binswanger. Holzhey-Kunz (2018) apresenta-o à luz das diferenças entre sua própria formulação da Daseinsanalyse e a de Medard Boss. Para essa autora, Boss é fenomenológico, mas não hermenêutico, o que trairia a fenomenologia de Martin Heidegger. Essa posição, no entanto, é controversa e encontramos mais proximidades do que diferenças quando compararmos a Daseinsanalyse de Holzhey-Kunz com a de Medard Boss (Yamaguti, 2024).

Proponho a divisão da trajetória de Boss em cinco momentos: 1) Anos iniciais: caminho à psicoterapia, 2) Psicoterapia influenciada pela Daseinsanalyse, 3) Primeiro contato com Heidegger, 4) Viagens ao Oriente, 5) A colaboração com Heidegger e os Seminários de Zollikon. Estes quatro períodos compreendem desde o nascimento de Medard Boss até o início dos Seminários de Zollikon, em 1959, que será apenas mencionado, mas não detalhado, por exigir um tratamento mais cuidadoso do que o escopo deste artigo prevê.

Anos iniciais: caminho à psicoterapia

Medard Boss nasceu em 4 de outubro de 1903, na cidade de São Galo, na Suíça, a menos de 100 km de Zurique. Trata-se de uma cidade fundada por São Galo, monge irlandês que ergueu uma ermida no local no



ano 612, que cresceu e prosperou como abadia beneditina, depois catedral, em 1848. Sua biblioteca é a maior da Suíça. No início do século XX, sua população era de pouco mais de 50.000 habitantes, sendo que quase 95% deles falantes de alemão e divididos meio a meio entre protestantes e católicos apostólicos romanos ("St. Gallen", 2024).

Boss foi filho primogênito. Na literatura, encontrei que ele tinha uma irmã (Boss, 2019). Mudou-se com sua família para Zurique quando tinha 2 anos para que seus pais trabalhassem na administração de um hospital universitário pediátrico. Sua mãe era amável e cuidadosa e ele se sentia protegido por ela quando tinha crises de terror noturno nos primeiros anos de vida (Boss, 2019).

Ao longo da infância, frequentava o hospital onde seus pais trabalhavam. Boss (2019) lembra-se de reverenciar o médico principal do hospital e como ele era admirado pelos estudantes. Indica esse contato precoce com a medicina como origem de uma curiosidade por essa prática e como motivação para se tornar médico quando cresceu. Relata que aos 10 anos, mais ou menos, foi levado por seu pai para o necrotério do hospital e viu o corpo morto de uma menina mais ou menos da sua idade. Destaco este momento como um incidente biográfico motivacional (Binswanger, 2013): um acontecimento em sua biografia que, olhando retrospectivamente, mostra-se decisivo para o caminho trilhado em sua vida. Ele narra:

Ali jazia o cadáver pálido de uma menina da minha idade que morrera. Hoje, sei que a leucemia provavelmente a levou a esse fim. Na época, fiquei abalado não só pela peculiar brancura do rosto e das mãos cruzadas, mas sobretudo pela estranha quietude da figura. Ambos deram à criança morta uma magnitude sobrenatural e pureza celestial. "Isso também", disse meu pai, referindo-se à morte da criança, "pertence à vida, e todos nós a enfrentamos". Ele então me levou de volta para fora, para o sol quente de uma manhã brilhante de primavera (Boss, 2019, p. 171).

Esse acontecimento me parece ser o primeiro que coloca Boss diante da questão que o orientará ao longo de toda sua vida: o que é essencialmente humano? Penso que ressoará nele anos mais tarde, quando, na década de 1940, ler *Ser e tempo* e encontrar Heidegger descrevendo o "experimentar o notável fenômeno-de-ser que deve se determinar como a mutação de um ente a partir do modo-de-ser do Dasein (ou da vida) em um já-não-ser-'aí'" (Heidegger, 2012, p. 659). Eu imagino o pequeno Medard Boss diante do corpo da menina morta perguntando-se o que é isso que acontece conosco, que permanecemos como corpo, mas já não estamos mais aí. O contato com a menina morta foi o "primeiro encontro" (Boss, 2019, p. 171) com a morte do jovem Boss e inaugurou perguntas sobre "a origem, a jornada, o sentido e o propósito do homem" (p. 171). Tais indagações lhe renderam o apelido de "filósofo" nessa idade.

Sessenta e oito anos mais tarde, na conferência "O Médico e a Morte", proferida em 5/12/1971, em Zurique, para estudantes de medicina, Boss (1981) afirma que "Quem quiser compreender algo da vida dos homens deverá também pensar em seu ser-mortal e quem quiser compreender a morte também será obrigado a se informar sobre a condição da vida humana" (p. 67). E, para isso, a medicina e as ciências naturais sempre lhe forneceram poucas informações. A mortalidade humana, enquanto enigmática condição, é um dos temas que regem vida e obra de Medard Boss.

Sobre isso, sua vida vai ensinar que:

O procedimento mais livre e digno do homem frente à própria mortalidade, a esta possibilidade de relacionamento inerente, extrema e última, que é pertinente a nós e que também constitui nosso existir, consiste em continuar sempre consciente dela, em tê-la como que constantemente diante dos olhos (Boss, 1981, p. 72).

Considerando que Boss indica que esse contato com a morte o motivou a estudar medicina, podemos supor que foi nessa prática científica que ele foi buscar respostas para suas indagações. Desde cedo - e isso vai perdurar por quase toda sua vida, conforme defendem alguns críticos, como Stadlen (2005) -, Boss assume que a medicina é a ciência que oferta uma compreensão sobre quem somos nós.

Sua decisão de ser médico foi abalada durante o ensino médio, quando se encantou com a arte e acreditou, assim como alguns de seus professores, que era um jovem talentoso. Porém, foi dissuadido por seu pai em visitas a museus em Munique, onde admirou obras de artistas consagrados. Esse gesto do pai, de colocá-lo frente a frente com 'verdadeiras' obras de arte, o demoveu da carreira artística. Curiosamente, Boss nomeia essa 'intervenção' do pai de "terapia" e "tratamento drástico" (2009, p. 172). Não uma cura pela fala, mas pela vivência direta da arte, que levou Boss a considerar que estava superestimando suas habilidades artísticas. É importante lembrarmos que a arte é essencialmente humana. Boss permaneceu próximo dela como apreciador após esse interregno na carreira da medicina.

Dedicando-se à ciência médica, na Universidade de Zurique, teve aulas marcantes com eminentes médicos, alguns ganhadores de prêmio Nobel, como o químico Paul Karrer, estudioso das vitaminas A e B2, e o fisiologista W. R. Hess, que associou áreas do cérebro ao funcionamento de órgãos. Hess também pesquisava a relação entre o cérebro e os humores, o que estimulou o interesse de Boss por esse campo. Seria a neurologia o caminho para conhecer o essencialmente humano? Após concluir o curso de medicina, Boss ponderou seguir nesse campo.



Porém, durante a faculdade de medicina, foi-lhe especialmente marcante o contato com o psiquiatra Eugen Bleuler, que era professor de psiquiatria da clínica de Burghölzli. Bleuler ficou conhecido como o criador do conceito de ‘esquizofrenia’, introduziu o conceito de ‘ambivalência’ na Psicanálise e foi o primeiro psiquiatra fora de Viena a experimentar a Psicanálise de Freud, o que contribui para que essa psicopatologia ganhasse credibilidade. A Bleuler, Boss atribui uma chama interior de profundidade que ele encontrará somente em quatro homens ao longo de sua vida: Bleuler, Sigmund Freud, Martin Heidegger e o guru kashir Swami Gobind Kaul. As aulas com Bleuler foram no final de seu curso de Medicina. Bleuler estava prestes a se aposentar, o que aconteceu em 1927 (Berrios, 2011). Nos contatos com ele, os questionamentos de Boss sobre a natureza humana não encontraram apaziguamento. Na época, discutiam a memória humana. Bleuler fundamentava suas reflexões na teoria dos engramas mnêmicos, proposta de Richar Semon, por qual as memórias são impressas no cérebro, ou seja, na neurofisiologia (Boss, 2019).

Concomitantemente às aulas com Bleuler, Boss estava servindo o exército. Foi então que tomou contato com a obra de Freud. Ele conta que o comandante de seu batalhão tinha consigo uma cópia de *Cinco Lições de Psicanálise* (Freud, 2013) e Boss a pegou emprestado. Nesse livro, descobriu

[...] um mundo incrivelmente novo e fascinante do qual eu não tinha tido a menor ideia durante meus estudos médicos anteriores. Todos os enigmas da alma (*Seele*) humana e muitos do corpo encontraram explicação plausível neste livro com suas fórmulas simples e cativantes (Boss, 2009, p. 172-3).

Sublinho a expressão usada por Boss “alma” (*Seele*), pois é uma palavra que por muitos séculos foi usada para indicar algo especificamente humano, mas que foi ocultado pelas ciências naturais quando assumiram a hegemonia na determinação do ser do humano a partir do século XIX.

Na Metapsicologia freudiana, Boss começa a encontrar novas respostas para o enigma do ser humano numa linguagem afim de seus estudos na medicina. Fascinado pela Psicanálise, passou as férias de verão de 1925 em Viena, onde conseguiu realizar 20 sessões de análise didática com Freud. Sua experiência apresentou-lhe um Freud clínico diferente da ortodoxia sugerida pelos escritos metapsicológicos. Boss (2009) pergunta-se, em seu memorial, se terá surgido dessa experiência o princípio de suas críticas à obra freudiana. Ele relembra que Freud reduziu os honorários ao mínimo e ainda lhe deu algumas vezes algum dinheiro para que pagasse seu almoço ao saber que ele gastava nas sessões toda a verba que seu pai lhe dava, o que confrontava claramente os preceitos escritos da Psicanálise.

Data desse período a formação em Psicanálise pela Associação Internacional de Psicanálise. Boss tornou-se membro da Sociedade Suíça de Psicanálise. Sua análise didática, com duração de 3 anos, concluída em 1926, foi com Hans Behn-Eschenburg, a quem Boss atribui maior ortodoxia do que ao próprio Freud. Olhando retrospectivamente, considera que essa análise contribuiu para seu “amadurecimento existencial” (Boss, 2009, p. 175), ainda que só a tivesse buscado por necessidade da formação. Boss também herdou de seu analista-didata o interesse pelo teste de Roscharch. Behn-Eschenburg estudara com o próprio criador do teste das manchas. Na época, as análises eram feitas clinicamente, humanamente, e Boss assistiu com preocupação a crescente ‘matematização’ das análises do teste ao longo de sua vida.

Concluído o curso de medicina, Boss viu-se entre dois caminhos: a fisiologia e a psiquiatria. O contato anterior com Bleuler pesou na sua decisão e ele ingressou como médico assistente em psiquiatria, em residência com duração de 5 anos, na clínica de Burghölzli, da Universidade de Zurique. Começou em 1928, estendendo-se até 1933 (Groth, 2020). Bleuler já estava aposentado, mas ainda supervisionava as atividades da clínica. Na data, a direção da clínica de Burghölzli estava com Hans Wolfgang Maier.

Ao longo desses cinco anos, Boss passou um semestre estudando neurologia no Hospital Nacional para Doenças Nervosas, em Londres, e participando das atividades de formação no Instituto Londrino de Psicanálise, sob orientação de Ernest Jones. Depois, em 1933, morou um ano em Berlin, onde estudou com Kurt Goldstein no Departamento de Neurologia do Hospital Moabiter, e ingressou no Instituto Psicanalítico Eitington, fundado pelo psicanalista Max Eitington, que, por sua vez, fizera residência em psiquiatria em Burghölzli na virada do século. Nesse instituto, Boss teve aulas com importantes psicanalistas, como Otto Fenichel e Wilhelm Reich, e supervisão clínica de Karen Horney.

De volta a Zurique, Boss abriu seu consultório particular e assumiu a gerência do sanatório Schloss Knonau, onde morou junto dos 20 internos lá tratados, como era comum na época. Boss atribui a esse período parte significativa de sua compreensão da esquizofrenia, no qual além da convivência, experimentou ser psicoterapeuta (psicanalista) de pacientes esquizofrênicos. O modo de ser esquizofrônico impõe indagações sobre o ser humano: o que é isso que acontece que “mutila mentalmente uma em cada cem pessoas” (Boss, 1958, p. 4)? Conforme conferência pronunciada por Boss em 1958, na 11a conferência anual da Sociedade Indiana de Psiquiatria, as pesquisas médicas e psicoterápicas só ampliam o enigma da esquizofrenia; sua natureza e patogênese permanecem – e permanecem! – fonte de debate e discordia entre pesquisadores. Boss desenvolve em sua obra uma compreensão particular da esquizofrenia como uma incapacidade de manter aberta a clareira de mundo na qual coisas e outros podem aparecer e ser. Para ele, trata-se de uma des-limitação dessa abertura receptivo-perceptiva, por qual os entes que aparecem submetem a existência, restringindo sua liberdade de ação e destruindo o si mesmo da pessoa (Boss, 1958; 1977).



Psicoterapia influenciada pela Daseinsanalyse

A diferença entre a Metapsicologia e a prática psicoterápica é outra marca da Daseinsanalyse desenvolvida por Boss. Segundo recorda, o abalo na fé na Psicanálise já se anunciara quando foi paciente de Freud e sentiu a diferença entre o que Freud fazia e o que escrevia sobre o ser humano. No Brasil, quando encontrou os estudantes de Daseinsanalyse pela primeira vez, em abril de 1974, afirmou: “Sempre disse que Freud, no fundo, era um terapeuta daseinsanalista” (Boss, 1997, p. 20)¹, dada sua enorme capacidade de desvelamento da existência, que Boss experimentou em seu divã. Boss enfatiza a oposição entre o determinismo da metapsicologia e a libertação promovida pela psicoterapia, que pressupõe a liberdade humana. Além disso, muitas vezes as análises metapsicológicas de sonhos feitas por Boss a pacientes foram rechaçadas como abstratas por seus analisandos (Boss, 1979), como bem ilustrado no caso da Dra. Coblin (Boss, 1999). E experiências de tratamentos de sucesso de pacientes esquizofrênicos em Schloss Knonau contradisseram o ceticismo de Freud quanto à eficácia da Psicanálise com esquizofrênicos. Não à toa, ele será um defensor da psicoterapia para esquizofrênicos: “A psicoterapia bem-sucedida, por outro lado, resulta em uma apropriação mental e espiritual de possibilidades de existência humana que antes haviam se desviado psicoticamente. Leva, portanto, a uma ampliação e a um enriquecimento definitivo de toda a personalidade” (Boss, 1958, p. 11).

Nesse momento de fé abalada na Psicanálise, dois acontecimentos foram marcantes na vida de Boss. Primeiro, ele teve contato com escritos de Ludwig Binswanger. Binswanger frequentara Burghölzli antes de Boss, onde foi orientado por Carl Jung. Posteriormente, chegou a ser convidado a assumir a direção da clínica psiquiátrica após a aposentadoria de Bleuler, mas optou por continuar em Bellevue, sanatório fundado por seu avô em 1857, posteriormente administrado por seu pai, que faleceu de um ataque cardíaco fulminante em 1910.

É de Binswanger a cisão entre escritos práticos e teóricos em Freud. No ensaio sobre história de vida inferior, a prática freudiana de investigação é descrita como um “processo motivacional espiritual” (Binswanger, 2013, p. 164), sendo contraposta à tentativa de explicação em termos da natureza biológica. Mas é no ensaio “A concepção de homem de Freud à Luz da Antropologia” (Binswanger, 1963), de 1936, que Boss encontra as palavras para nomear o incômodo que sentia quanto à contradição do *homo natura* determinado *versus* a liberdade humana. Nos termos de Boss:

No meu entendimento, a razão para estas limitações [da teoria psicanalítica] reposava no fato de que, de acordo com o modo de pensar mecanicista, científico-exato, atual de Freud, ele isolou e objetificou os fenômenos psíquicos do homem como um aparato análogo ao organismo físico. Freud reduziu estes fenômenos psíquicos a uma teoria genético-causal da esfera humana dos impulsos, [tomando estes] como sua base real e estrutura verdadeira (Boss, 1949, p. x-xi).

O segundo acontecimento importante é um convite de Carl Jung, que trabalhou em Burghölzli de 1900 a 1909, para ingressar num grupo de estudo privado em sua casa (e consultório) em Kusnach. Boss vem a participar por 10 anos, de 1938 a 1948, em encontros às vezes semanais, às vezes mensais, nos quais discutiam casos clínicos e a teorização junguiana.

Inicialmente, Jung foi, para Boss, um “salvador” (2019, p. 179), pois o libertou da prisão determinista da metapsicologia freudiana. Suponho que tenha sido em razão desse grupo que Boss começou a estudar filosofias orientais, como as escolas vedânticas e escritos do zen budismo. Mas quando Jung começou a se apresentar como um “fenomenólogo científico-natural” (Boss, 2019, p. 179), Boss deu um passo atrás. Para ele, que já estudava alguma fenomenologia, havia uma clara oposição:

Lá, o método científico, com sua rejeição a fenômenos perceptíveis realmente presentes em favor da assunção de forças causais e sutis; aqui, a ciência fenomenológica, com sua habitação interpretativa junto à significação da coisa mesma que clama os seres humanos e sua renúncia a toda inferência e dedução causal (Boss, 2019, p. 180).

Em 1947, Boss publica sua tese de doutorado intitulada *Sentido e conteúdo das perversões sexuais* (1949), influenciada inteiramente pela fenomenologia que ele aprendera dos escritos de Binswanger. Nesse livro, Boss discute as duas teorias sobre as parafilias, a psicanalítica e a antropológica (de Gebssattel, Straus e Kunz), opondo-as à daseinsanalítica, de Binswanger, que ele adotara. Ilustra a teorização com casos clínicos de um fetichista, um coprofílico, um cleptomaníaco, um voyeur exibicionista, um sadomasoquista² e três homossexuais³.

Em síntese, Boss tenta demonstrar nesse livro que se deve compreender o amor para se entender o sentido das perversões. E o que é o amor? É o modo de ser dual, conforme descrito por Binswanger, por qual

¹ Segue a frase: “assim como os antipsiquiatras, de certo modo, também o são” (p. 20). No relato de Groth (2024) sobre o encontro que tiveram em 26/09/1976, Boss teria lhe mostrado ressalvas quanto a R. D. Laing. (no pdf uma letra está em vermelho).

² Uma apresentação e discussão deste caso em português foi publicada em Evangelista (2015). Trata-se da história terapêutica de um rapaz que tentou estrangular uma moça com quem desejava iniciar um relacionamento.

³ Boss acompanha a interpretação de sua época de que a homossexualidade é uma perversão do amor “normal”.



as existências individuais superam a solidão individualista e fundem-se. Nos casos descritos, as existências estavam restritas na capacidade para se relacionar amorosamente com o outro, conseguindo apenas submeter-se a relações parciais em que eram objetificados e/ou objetificavam o outro inteiro ou em partes. Nesse sentido, a sintomatologia perversa indica disposição, ainda que restrita, à relação amorosa e fundamenta sua possibilidade, carecendo de uma relação terapêutica amorosa que liberte para as relações amorosas ditas ‘normais’ (Boss, 1949). É importante destacar que as análises de Boss eram fundamentadas na Daseinsanalyse de ele conhecia a partir dos escritos de Binswanger. Mas eram complementadas por sua própria experiência como psicoterapeuta.

Ao presentear Jung com o livro sobre as perversões sexuais, Boss consuma a separação dos dois e o fim do grupo de estudos. Faz-se notar, ainda assim, a importância desses estudos no modo como Boss analisa sonhos. Para ele, os entes que aparecem em sonhos são possibilidades existenciais do sonhador. Mas a crítica que Boss dirige a Jung é a mesma que a Freud: ao teorizar o inconsciente coletivo, Jung objetifica a experiência humana e fica preso no pensamento científico-natural causal (Boss, 1979).

Quando publica a segunda edição desse livro, em 1949, Boss manifesta no prefácio seu distanciamento da Daseinsanalyse de Binswanger e sua proximidade com Heidegger, que acaba de começar a acontecer.

Primeiro Contato com Heidegger

Pouco antes do início da Segunda Guerra Mundial, esperando ter que servir como médico no exército, Boss deixou a gerência do sanatório Schloss Knonau para se dedicar ao consultório particular e ao ensino. É quando teve a oportunidade de estudar, pela primeira vez, *Ser e tempo* (Heidegger, 2012). Isto aconteceu enquanto estava servindo o exército nos Alpes Suíços, onde ocorreram pouquíssimos confrontos, de modo que Boss se viu por bastante tempo ocioso e entediado.

Seu primeiro contato com a obra foi de grande “decepção. Eu não entendi nada da obra de Heidegger, *Ser e tempo*” (Boss, 2019, p. 182). No prefácio à edição dos *Seminários de Zollikon*, publicado em 1987, ele escreve:

Por acaso encontrei num jornal uma nota sobre o livro *Ser e tempo*, de Martin Heidegger. Precipitei-me sobre o texto, mas logo verifiquei que não entendia praticamente nada de seu conteúdo. Nesse livro eram colocadas questões e mais questões com as quais nunca tinha me deparado em toda minha educação científica-natural. As respostas eram principalmente novas perguntas. Desapontado, deixei também esse livro de lado, lido pela metade (Boss, 2001, p. 9).

Destaco novamente a descoberta por Boss de temas existenciais que sua formação em medicina e psicanálise não tratara. Por exemplo, a questão do tempo e da íntima relação entre existência e temporalidade.

Este novo passo de Medard Boss em busca de uma compreensão do humano o impulsiona a procurar o filósofo Martin Heidegger. Apesar da incompreensão do texto de *Ser e tempo*, chama a atenção de Boss a descrição dos modos de ser-com preocupação substitutiva e solicitude libertadora. Na substitutiva, escreve Heidegger, assume-se pelo outro a tarefa que o ocupa, entregando-lhe pronta e terminada, desobrigando-o. Nesse modo de convivência, “o outro pode se tornar dependente e dominado, mesmo que o domínio seja tácito e permaneça oculto para o dominado” (Heidegger, 2012, p. 353). Já na solicitude libertadora, não se

[...] substitui o outro, tanto que o *pressupõe* em seu poder-se existencial, não para retirar-lhe a ‘preocupação’, mas para, ao contrário, restituí-la propriamente como tal. Essa preocupação-com que concerne em essência à preocupação que propriamente o é – a saber, a existência do outro e não um quê de que ele se ocupe – ajuda o outro a obter transparência em sua preocupação e a se tornar livre para ela (Heidegger, 2012, p. 353).

Para Boss, a descrição da solicitude libertadora corresponde ao modo da disponibilidade do psicoterapeuta ao seu paciente, tal como vivenciara tanto como paciente quanto como terapeuta na psicanálise. Embora ainda buscassem uma linguagem correspondente à existência para compreender as relações de cura, Boss já sabia que se tratava de uma relação de libertação, fundada sobre a liberdade humana. Ele já encontrara em Binswanger descrições da existência em termos de sua liberdade fundamental; liberdade essa que fica restrita da psicopatologia: “no lugar da *liberdade* do deixar acontecer de mundo entra em cena a *não liberdade* do ser dominado por um determinado projeto de mundo...” (Binswanger, 2019, p. 59).

É então, em 1947, que Boss comece a pesquisar sobre Heidegger. As primeiras notícias que recebe são do envolvimento do filósofo com o nazismo, mas encontra outras informações que não corroboram essa informação. Boss explica que “Somente quando eu obtive garantia suficiente de que Heidegger havia se tornado vítima de calúnias e abusos monstruosos eu fiz contato direto com ele” (2019, p. 183). Escreveu-lhe uma carta, à qual o filósofo respondeu em 3/08/1947 colocando-se à disposição num tom amável e pedindo-lhe: “Se fosse possível, oportunamente, ajudar minha força de trabalho com um pequeno pacotinho de chocolate, eu ficaria muito agradecido” (Boss, 2001, p. 249).



Iniciou-se uma troca de correspondências entre os dois. Mas, em razão do desenrolar do fim da Segunda Guerra Mundial, foi somente em 1949 que Boss fez a primeira visita à cabana de Heidegger em Todtnauberg, inaugurando uma história de amizade e colaboração do filósofo com o médico, nomeada por ele de “aprendizagem intelectual” (Boss, 2019, p. 183)⁴.

A partir de então, aparecem mais contundentes as críticas de Heidegger à antropologia filosófica de Binswanger. O filósofo já havia escrito a Binswanger que ele compreendera errado a analítica existencial de *Ser e tempo*, o que o psiquiatra já reconhecia e chamara de ‘equívoco produtivo’, libertando-o para teorizações mais autônomas (Loparic, 2002). Boss fica, assim, como representante único da Daseinsanalyse e porta-voz da analítica existencial como fundamento da terapia. A partir de então, sua obra é mais claramente um esforço de fundar os fenômenos clínicos descritos por Freud na analítica existencial de Heidegger.

Além do modo de cuidar da existência do outro que lhe devolve seu cuidado, o daseinsanalista vai encontrar outras “harmonias intrínsecas” (Boss, 1963, p. 61) entre o que ele conhecia da obra de Freud e a de Heidegger. Em *Psicanálise e Daseinsanalyse*, publicado originalmente em 1957, defende que “os dois pioneiros da ciência do homem estão falando exatamente dos mesmos fenômenos” (Boss, 1963, p. 61). Boss segue aproximando as compreensões da liberdade e da historicidade humanas, da verdade como *aletheia*, da fuga cotidiana da responsabilidade por seu ser e da importância da linguagem.

Viagens ao Oriente

Ainda antes de conhecer Heidegger pessoalmente, acontece um “milagre” (Boss, 1965, p. 16) na vida Medard Boss, que eu destaco como outro incidente biográfico motivacional fundamental para entender sua trajetória. Boss já lera escritos vedânticos e zen budistas, mas os deixara de lado quando identificou que as traduções faziam mais do que traduzir o texto ao inserir concepções metafísicas ocidentais (Boss, 1965). Então, entendeu que o único modo de acessar o espírito indiano é experienciando-o diretamente no contato com os sábios e mestres, tal como esse conhecimento foi transmitido de geração para geração.

Coincidemente, na primavera 1955, Boss recebeu o convite para lecionar como professor visitante no Centro de Psiquiatria da Universidade do Norte da Índia, na cidade de Lucknow, e para palestrar na Universidade de Jacarta, na Indonésia. Em 1956, ele passa 5 meses na Índia, depois 5 semanas na Indonésia. Em 1958, volta à Índia por mais 3 meses. Boss publica um livro em 1959 sobre essas experiências, concentrando-se na primeira viagem à Índia (Boss, 1965). Ele considera esse seu livro favorito. O livro narra a experiência etnográfica de um suíço, nascido em estado cristão majoritariamente branco, onde atendia clinicamente quase exclusivamente brancos cristãos como ele, em contato com variadas etnias e religiosidades na Índia. Ademais, foi convidado para ensinar psiquiatria e psicoterapia ocidentais no país que há pouco mais de uma década tornara-se independente da Inglaterra e que planejava modernizar sua medicina com a tecnologia e ciência médica europeias.

Curiosamente, Boss viaja à Índia nesse momento de sua vida “Justamente quando minha crescente percepção da inadequação de nosso conhecimento básico da verdadeira natureza do homem estava tornando meu trabalho psicoterapêutico cada vez mais incerto” (1965, p. 15). Assim, Boss vai como ‘colonizador’, levando “o presente ocidental da tecnologia” (1965, p. 8), recebendo em troca “a maior espiritualidade e humanidade aperfeiçoadas a nós pela tradição oriental” (1965, p. 8).

Seus estudos de medicina e sua experiência como psicoterapeuta já o deixaram desconfiado da modernidade e da tecnologia que transformavam o ser humano em objeto orgânico movido por engrenagens. Sua crítica a Freud vai nessa mesma direção, pois a Metapsicologia interpreta a alma humana em termos de um aparelho movido por impulsos. A perda da dimensão espiritual promovida pela interpretação científico-natural do humano, acompanhada do ajustamento social do ser humano nas engrenagens da sociedade industrial moderna, o levava ao vazio existencial, que se manifestava como neuroses do tédio, aumento de criminalidade e de adição (Boss, 1994).

Assim, Boss se vê às voltas com importantes reflexões sobre seu papel no Oriente. Por um lado, é surpreendido com a espiritualidade religiosa das pessoas com quem se relaciona. Narra algumas situações em que vê igualmente presentes na vida dos profissionais que encontra o pensamento científico-natural e tradições religiosas milenares indianas. Preocupa-se, outrossim, com o futuro da Índia, dado que a geração dos então estudantes universitários se dizia majoritariamente agnóstica e racionalista (Boss, 1965). Quais os efeitos de romper com uma tradição espiritualizada de 4 mil anos, pergunta-se Boss?

Numa bela passagem, Boss narra um episódio em que caminhava por um beco estreito em Lucknow e olhou para uma casa pequena, apertada, muito simples, na qual se apertava uma família. Diante da miséria que via, foi “dominado por uma raiva de indignação” (Boss, 1965, p. 32). Considerou a diferença material da vida de famílias europeias e indianas, concluindo que a “condenação indesculpável das pessoas à miséria bestial” não poderia ser tolerada. Inclinava-se, assim, a desejar que o modo de vida europeu fosse levado para a Índia. Mas, numa outra noite depois dessa, viu famílias nessas mesmas condições

⁴ Groth (2024) sugere que a relação de Boss com Heidegger se assemelha a de um aprendiz com um guru (Groth, 2024). Ao mesmo tempo, Boss realizaria uma Daseinsanalyse de Heidegger (Groth, 2017).



[...] transmutad[a]s em cenas que me lembraram as pinturas de Rembrant da Sagrada Família. No brilho fraco de uma pequena lâmparina a óleo, sentavam-se e deitavam-se no chão, aninhados um contra o outro, avós, pais, filhos, netos, com aqui e ali um cachorro também. As crianças menores estavam quase dormindo. As crianças mais velhas e os adultos contavam histórias uns aos outros. Em duas ocasiões, eu definitivamente ouvi uma recitação do Bhagavadgta. Naquela noite, lembrei-me com mais simpatia dos muitos filhos e filhas de famílias ricas que em meu país tiveram que procurar minha ajuda profissional, porque seus pais neuroticamente endurecidos haviam transformado suas vilas luxuosas, espaçosas e com aquecimento central em campos de concentração espirituais nos quais as almas de seus filhos foram atrofiadas (Boss, 1965, p. 32).

Assim, Medard Boss deparava-se com o paradoxo de sua jornada ao Oriente: como levar a tecnologia europeia, ocidental, sem levar junto a Metafísica e a Era da Técnica, que a sustenta?

A colaboração de Heidegger e os Seminários de Zollikon

De volta da Índia, Boss finalmente se encontra com Heidegger e logo começam os Seminários de Zollikon, nos quais tentarão contribuir para uma ciência da saúde e do adoecer humano mais humana. Esses seminários já receberam algumas apresentações em português (Sodelli & Sodelli-Teodoro, 2011; Ribeiro, 2015; Prado, 2017) e duas traduções em português, uma baseada na edição de Medard Boss (Boss, 2001) e outra nos arquivos de Heidegger para as Obras Completas (Heidegger, 2021). Cohn (2002), terapeuta existencial britânico, tomando contato com os manuscritos antes da publicação, afirmou que são “as raízes da terapia existencial” (*roots of existential therapy*), conforme nomeou seu livro sobre eles.

Eles foram realizados ao longo de dez anos, de 1959 a 1969, na cidade de Zollikon, a maioria deles na casa de Boss. O primeiro ocorreu no auditório de Burghölzli, em setembro de 1959. Os seminários contavam com a presença de psicanalistas e psiquiatras e neles, Heidegger desconstruía as concepções científico-naturais e apresentava uma perspectiva fenomenológica existencial em seu lugar. Os Seminários de Zollikon foram interrompidos após a saída de Heidegger começar a deteriorar em 1970. Ainda assim, Boss o encontrou mais algumas poucas vezes (Groth, 2017).

Ao longo dessa década, Boss trabalhou na sua obra *magna*, *Fundamentos Existenciais da Medicina e da Psicologia* (Boss, 1994), no qual reuniu a concepção de humano que recolheu em suas experiências de vida, com seus pacientes e supervisionandos e em seus estudos. As contribuições de Heidegger foram decisivas para a construção de uma ciência do cuidado humano “amparada numa fundamentação mais humana e mais correspondente ao Dasein (*Daseinsgemäss*) da medicina” (Boss, 1994, p. xxx). Boss acrescenta ‘Psicologia’ ao título do livro na segunda edição americana, surpreso com a boa recepção do livro nos Estados Unidos entre psicoterapeutas não médicos, revelando seu pressuposto de que os cuidadores da alma humana seriam os médicos (Stadlen, 2005; Groth, 2020).

No prefácio a essa edição, escrito em 1974, ele se explica:

O título da primeira edição, como se vê, falhou na expressão da intenção original do autor; parecia indicar que o livro só conseguiria ser compreendido por fisiologistas. Eu presumi muito apressadamente que todo mundo reconheceria uma fundamentação da medicina baseada na natureza humana como, necessariamente, uma fundamentação da psicologia e da sociologia (Boss, 1994, p. xxv).

Os manuscritos do livro eram frequentemente revisados por Heidegger e ele chegou a reescrever longo trechos. Quando o livro ficou pronto, em 1967, Heidegger sugeriu a Boss que aguardasse para publicá-lo. Nas palavras do filósofo, “Ele deveria ser o testamento de todo o trabalho prático-teórico de sua vida” (carta de 29/12/1967, em Boss, 2001, p. 294). De fato, Boss publica *Grundriss der Medizin* (*Fundamentos da Medicina*) em 1971.

Considerações Finais

Boss continuou escrevendo artigos e participando de congressos até os anos 1980. Fundou a primeira sociedade de Daseinsanalyse (*Internationale Gesellschaft für Daseinsanalyse*), em Zurique, em 1971. A primeira fora da Suíça foi fundada também por ele no Brasil, em 1974, intitulada Associação Brasileira de Análise e Terapia Existencial-Daseinsanalyse. Em 1990, faleceu em Zollikon.

A obra de Medard Boss continua conhecida apenas por públicos restritos e categorizada como uma abordagem humanista, o que oculta a busca instigante por uma compreensão do humano que orientou sua vida e sua obra. Espero que esta apresentação biográfica estimule mais pesquisas sobre sua obra e reverberar em mais ‘aplicações’ nas ciências da saúde humana. O apogeu da obra de Medard Boss, no período de fecundos diálogos com Martin Heidegger, eu apresentarei e discutirei em artigos futuros.



Referências

- Berrios, G. B. (2011) Eugen Bleuler's Place in the History of Psychiatry. *Schizophrenia Bulletin*, 37(6), 1095–1098. <https://doi.org/10.1093/schbul/sbr132>
- Binswanger, L. (1963) Freud's conception of man in the light of anthropology. In: Needleman, J. (Ed.) *Being in the world: Selected papers on Ludwig Binswanger*. New York: Basic Books, Inc.
- Binswanger, L. (2013) Função vital e história de vida interior. *Sonho e existência: escritos sobre fenomenologia e psicanálise* (p. 139-176). 1^a ed. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Binswanger, L. (2019) Sobre a corrente de pesquisa daseinsanalítica na psiquiatria. *Psicoterapia e análise existencial* (p. 53-90). Rio de Janeiro: Via Verita.
- Boss, M. (1949) *Meaning and content of sexual perversions - A Daseinsanalytic approach to the psychopathology of the phenomenon of love*. New York: Grune & Stratton.
- Boss, M. (1963). *Psychoanalysis & Daseinsanalysis*. New York: Basic Books.
- Boss, M. (1965) *A Psychiatrist Discovers India*. London: Oswald Wolff.
- Boss, M. (1958) The Role of psychotherapy in schizophrenia. *Indian Journal of Psychiatry*, 1(1), p. 1-9.
- Boss, M. (1977) O modo-de-ser-esquizofrênico à luz de uma fenomenologia daseinsanalítica. *Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*, 3, p. 5-28. São Paulo: Associação Brasileira de Daseinsanalyse.
- Boss, M. (1979) *Na Noite passada eu sonhei*. São Paulo: Summus.
- Boss, M. (1981) O Médico e a Morte. *Angústia, culpa e libertação – Ensaios de psicanálise existencial* (3^a ed.). São Paulo: Livraria Duas Cidades.
- Boss, M. (1994) *Existential Foundations of Medicine & Psychology*. Northvale, New Jersey; London: James Aronson Inc.
- Boss, M. (1997) Encontro com Boss. *Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*, 1,2 e 4, p. 5-21. São Paulo: Associação Brasileira de Daseinsanalyse.
- Boss, M. (1999) O caso da Dra. Cobling. *Natureza humana*, 1(1), 139-173. Recuperado em 17 de setembro de 2024, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24301999000100008&lng=pt&tlng=pt
- Boss, M. (2001) (Ed.) *Seminários de Zollikon*. São Paulo: EDUC / Petrópolis, RJ: Vozes.
- Boss, M. (2019) A Memoir. (Groth, M. Trad.). *Existential Analysis* 30.1. Disponível em: <https://milesgroth.com/wp-content/uploads/2024/02/Medard-Boss-A-Memoir-2019.pdf>
- Carvalho, G. & Evangelista, P. (2022). A Daseinsanalyse de Medard Boss nos periódicos científicos brasileiros. *Memorandum*, 39, 1–22. <https://doi.org/10.35699/1676-1669.2022.35639>
- Cohn, H. W. (2002). *Heidegger and the roots of existential therapy*. London: Continuum.
- Dastur, F. & Cabestan, P. (2015) *Daseinsanálise: Fenomenologia e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Evangelista, P. (2013) A daseinsanalyse de Medard Boss: Medicina e Psicologia mais correspondentes ao existir humano In: P. Evangelista (Org.). *Psicologia fenomenológico-existencial - Possibilidades da atitude clínica fenomenológica* (2^a ed., pp. 139-158). Rio de Janeiro: Via Verita.
- Evangelista, P. (2015). Psicoterapia e psicopatologia daseinsanalíticas - articulações a partir de um caso clínico de perversão sexual. In A. M. Feijoo (Org.). *Situações clínicas I - Análise Fenomenológica de Discursos Clínicos* (1^a ed. pp. 225-238). Rio de Janeiro: IFEN.
- Freud, S. (2013). Cinco lições de psicanálise. *Obras Completas v. 9 - Observações sobre um caso de neurose obsessiva ("O homem dos ratos"), Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909 – 1910)*. São Paulo: Companhia das Letras. Original publicado em 1910.



- Groth, M. (2017). A Daseinanalyse de Martin Heidegger por Medard Boss. *Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*, 17, p. 189-203. São Paulo: Associação Brasileira de Daseinsanalyse.
- Groth, M. (2020) *Medard Boss and the Promise of Therapy – The Beginnings of Daseinsanalysis*. United Kingdom: Free Association Books.
- Groth, M. (2024). *Por que não, afinal? Uma introdução à Daseinsanalyse*. Belo Horizonte: Artesã.
- Heidegger, M. (2012). *Ser e tempo*. Petrópolis, RJ: Vozes / Campinas: Unicamp.
- Holzhey-Kunz, A. (2018) *Daseinsanálise: o olhar filosófico-existencial sobre o sofrimento psíquico e seu tratamento*. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Loparic, Z. (2002). Binswanger, leitor de Heidegger: um equívoco produtivo? *Natureza humana*, 4(2), p. 383-413. Recuperado de https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302002000200006 em 17 de setembro de 2024.
- Prado, M. (2017). Considerações sobre os Seminários de Zollikon: diálogo entre a filosofia e a medicina/psicologia. *Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*, 17, p. 39-56. São Paulo: Associação Brasileira de Daseinsanalyse.
- Ribeiro, C. (2015). O convite para a suspeita filosófica: notas sobre o ensinamento heideggeriano nos Seminários de Zollikon. *Especiaria: Cadernos De Ciências Humanas*, 13(24), 63. Recuperado de <https://periodicos.uesc.br/index.php/especiaria/article/view/70>
- Sodelli, M., Sodelli-Teodoro, A. Visitando os “Seminários de Zollikon”: novos fundamentos para a psicoterapia fenomenológica. *Psicologia Revista*, 20(2), 245-272. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/10343/7722> em 17 de setembro de 2019.
- St. Gallen. (2024, 6 de agosto) Wikipedia. https://en.wikipedia.org/wiki/St._Gallen#cite_note-6
- Stadlen, A. (2005). Medical Daseinsanalysis. *Existential Analysis* 16.1. Recuperado de <https://anthonystadlen.blogspot.com/p/medicaldaseinsanalysis-anthonystadlen-i.html> em 17 de setembro de 2024.
- Yamaguti, A. (2024). Da autoilusão transferencial à co-habitação existencial: aproximações acerca da função protetiva do amor entre as terapias daseinsanalíticas de Medard Boss e Alice Holzhey-Kunz. 2024. Tese (Doutorado em Psicologia: Psicologia Clínica) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024. Recuperado de: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/41294> em 1 de abril de 2025.

Recebido em 17.09.2024 – Primeira Decisão Editorial em 25.03.2025 – Aceito em 10.04.2025